

O PAI

August Strindberg

*Tradução e adaptação de Gerson Steves
em colaboração com o elenco.*

2017-2020

Esta tradução é dedicada o grande ator Rubens Caribé (1965-2022)

PERSONAGENS

Adolf, um Capitão de Cavalaria

Laura, sua esposa

Bertha, sua filha

Doutor Ostermark, o médico

Margret, a Ama

Jonas, o Pastor – irmão de Laura

Klaus, um soldado a serviço da casa

ATO I

Uma sala na casa do capitão. Uma porta ao fundo, à direita. No meio, uma mesa grande e redonda com jornais e periódicos. À direita, um sofá de couro e uma mesa. No canto direito, uma porta com forro igual ao das paredes. À esquerda, uma escrivaninha com um relógio de pêndulo; uma porta que conduz aos aposentos. Armas nas paredes: espingardas e bolsas de caça. Um mancebo ao lado da porta no qual estão penduradas jaquetas militares. Na mesa, uma lamparina.

CENA 1

Adolf, o capitão e o pastor estão sentados. O capitão veste um uniforme militar com botas de cavalaria. O pastor, vestido de preto e com um colarinho branco no pescoço, fuma um cachimbo.

ADOLF – Margret, Margret!

MARGRET – O que deseja, capitão?

ADOLF – Klaus está lá fora?

MARGRET – Ele espera por suas ordens, na cozinha.

ADOLF – Mas outra vez na cozinha?! Traga o moleque aqui agora mesmo.

MARGRET – Sim senhor, Capitão. *(Sai)*

PASTOR – Quais são as novidades agora?

ADOLF – Ah! Ele anda às voltas com a criada outra vez. Uma desgraça de homem!

PASTOR – Klaus? Ele já aprontou alguma coisa parecida no ano passado.

ADOLF – Então! Você lembra! Eu já xinguei, já surrei, não adianta. Você não me faria o favor de dizer a ele algumas palavras? Para ver se a situação melhora?

PASTOR – Entendi... você quer que eu passe um sermão nele. Mas que efeito você espera que a palavra de Deus tenha sobre um soldado de cavalaria?

ADOLF – Olhe... para ser franco... sobre mim, não teria nenhum.

PASTOR – Isso eu sei muito bem!

ADOLF – Mas e nele? Não custa nada tentar.

CENA 2

Os mesmos e Klaus.

ADOLF – O que você aprontou agora, Klaus?

KLAUS – Deus me livre e guarde, Capitão! Não posso dizer na frente do Pastor.

PASTOR – Não há nada do que se envergonhar, rapaz.

ADOLF – Confesse agora ou já sabe o que vai acontecer.

KLAUS – Bom, é que a gente estava num baile na casa do Gabriel... e... aí, aí Ludvig disse que...

ADOLF – O que Ludvig tem a ver com isso? Diga a verdade.

KLAUS – Emma falou que a gente devia ir para o celeiro.

ADOLF – Ah! Então, foi Emma que seduziu você?

KLAUS – Foi. Mas o senhor sabe como é...? Se a moça não quer... não acontece nada!

ADOLF – Curto e grosso: você é ou não é o pai dessa criança?

KLAUS – E como é que a gente sabe uma coisa dessas? Como é que eu vou saber?!?!

ADOLF – O que você está dizendo? Por acaso não há como saber?

KLAUS – Não. É impossível!

ADOLF – Então não foi só você que...?

KLAUS – Dessa vez, fui. Mas isso não garante que eu tenha sido o único.

ADOLF – Você quer jogar a culpa em cima de Ludvig? É isso?

KLAUS – Eu não quero nem saber em quem eu vou jogar a culpa.

ADOLF – Mas você disse a Emma que pretendia se casar com ela.

KLAUS – Ah... Mas isso faz parte do negócio todo... sabe como é...

ADOLF – *(Para o pastor)* Que horror!

PASTOR – É a mesma velha história de sempre! Klaus, escute: você é homem o suficiente para saber se é o pai. É ou não é?

KLAUS – Eu estive com ela, mas o pastor sabe muito bem que só isso não quer dizer nada.

PASTOR – Rapaz você não quer deixar aquela moça sozinha com um filho! Não podemos forçar você a se casar, mas você vai ter que tomar conta dessa criança! Ah! Isso você vai ter que fazer!

KLAUS – Certo, mas então o Ludvig vai ter que me ajudar também.

ADOLF – Então esse assunto vai pro tribunal. Eu não tenho como decidir e, no fim das contas, nem me agradaria. Vamos, fora!

PASTOR – Klaus! Espere! Você não acha no mínimo desonroso deixar uma moça assim, abandonada com uma criança, hein?

KLAUS – Bom, se ao menos eu soubesse que sou o pai. Mas não tem... não tem como, Pastor.

PASTOR – Ora! Você não pensa que lidando assim com o problema você vai...

KLAUS – Qual a minha saída? Passar a vida inteira me esfalfando pelo filho dos outros? Isso não me parece nem um pouco divertido! E os senhores entendem bem do que estou falando...

ADOLF – Insolente! Fora! Marche!

KLAUS – Que Deus o proteja, Capitão! Pastor... *(Faz um cumprimento e sai.)*

ADOLF – E não se meta de novo na cozinha! E muito menos com as cozinheiras, seu vigarista!

CENA 3

O Capitão e o Pastor.

ADOLF – Por que você não falou direito com ele?

PASTOR – Como assim? Não foi o que eu fiz?

ADOLF – Ah... ficou só balbuciando para si mesmo!

PASTOR – Admito que eu não sei o que dizer. É uma pena pela moça, sem dúvida; e também pela criança. Mas imagine se ele não for o pai?! A moça pode amamentar o filho por uns quatro meses e depois deixá-lo num orfanato. Mas o rapaz não pode. *(pausa conclusiva)* Daí ela consegue um emprego numa bela casa. Ao mesmo tempo em que o futuro do rapaz pode ser destruído se o expulsarem da Cavalaria.

ADOLF – Tem razão. Juro, eu queria ser um juiz para decidir sobre esse assunto. Klaus pode não ser lá muito inocente – nem há como saber – mas se tem alguém a quem podemos culpar, esse alguém com certeza é a moça.

PASTOR – Eu não julgo ninguém! (...) Enfim, sobre o que estávamos falando quando surgiu essa bendita história? Era sobre a crisma de Bertha, não?

ADOLF – Não. Não exatamente sobre isso, mas sobre a educação dela e todo seu futuro. Esta casa está cheia de mulheres, e todas querem me dizer como criar minha filha.

PASTOR – Tem razão... Você tem mulheres demais dando ordens por aqui.

ADOLF – Laura quer que Bertha seja artista. Veja você: artista! Minha sogra quer convertê-la ao espiritismo. A governanta quer que a pobre vire metodista. Já a velha Margret quer vê-la batista – seja lá qual for a diferença. E as criadas querem que ela se junte ao Exército da Salvação.

PASTOR – É impossível se construir uma alma a partir desses escombros.

ADOLF – Eu sou o pai: tenho o direito de decidir sobre a formação do caráter da minha filha. Vejo os meus esforços constantemente minados. Preciso tirar Bertha desta casa.

PASTOR – E enfrentar todas essas feras?

ADOLF – Eu sei! É como estar na jaula das hienas. Se eu não tenho uma tocha para enfiar na cara delas, sou devorado a qualquer momento!

PASTOR – *(Rindo da imagem)* Por Deus, Adolf!

ADOLF – Ah! Você acha graça, seu malandro! Logo você.

PASTOR – O que tenho eu a ver com isso?

ADOLF – Não bastou eu ter me casado e livrado você de sua irmã, você ainda conseguiu enfiar sua madrasta no pacote!?

PASTOR – Ela é mãe de minha irmã e não minha... portanto sua sogra. E, de mais a mais, ninguém merece ter madrastas em casa.

ADOLF – Não. Ainda mais quando as madrastas viram sogras. Daí, o melhor lugar para elas é um só: a casa dos outros... Ou seja: a minha! Não é seu vigarista?

PASTOR – A cada um o que lhe couber na vida.

ADOLF – É, mas para mim sobraram fardos demais. Ah! E não esqueça a velha ama, que ainda me trata como se estivesse nos cueiros. Que Deus a proteja, mas o lugar dela não é aqui.

PASTOR – Você precisa colocar essa mulherada nos eixos. Repito: elas dão ordens demais por aqui.

ADOLF – Pois tenha a bondade de me explicar: como se coloca as mulheres nos eixos?

PASTOR – Laura recebeu uma educação rígida, mas preciso admitir, mesmo sendo minha irmã... que ela é meio complicada.

ADOLF – Até pode ser. Como todo mundo, Laura tem qualidades e defeitos. Mas penso que ela seja o menor dos perigos.

PASTOR – Pense o que quiser, eu a conheço.

ADOLF – Ela teve uma educação romântica, à moda antiga. Pode ser que, às vezes, fique meio perdida. Mas, é minha esposa, afinal de contas...

PASTOR – E por ser sua esposa ela é melhor que as outras? Não. E, na verdade, é ela quem mais complica a sua vida.

ADOLF – Esta casa é uma confusão. Laura só quer ter Bertha por perto.

PASTOR – Ah... Laura não quer se separar da filha? Então acho que a situação vai se complicar.

ADOLF – Vai, muito, imagino. Não posso deixar minha filha neste manicômio.

PASTOR – Você não tem ideia de quanto Laura pode ser voluntariosa. Quando era pequena, Laura costumava se deitar imóvel como um cadáver, chegava a interromper a respiração até que fizessem sua vontade. E quando atingia seu objetivo... se fosse uma coisa, ela devolvia, dizendo que o que desejava não era a coisa em si, mas ter sua vontade atendida.

ADOLF – Então... ela era assim? Ainda hoje, quando tem desses caprichos, eu temo por ela, penso que possa estar doente.

PASTOR – Mas e quanto ao capricho do momento? Bertha. O que você pretende fazer com sua filha? Não há como chegar a um consenso?

ADOLF – Não pense que quero fazer dela um prodígio ou alguém à minha imagem. Só não quero bancar o alcoviteiro da minha própria filha e criá-la só para o casamento.

PASTOR – E por que não? Qual o problema de se preparar uma moça para o matrimônio?

ADOLF – O problema é ela acabar solteira. Se for assim, terá uma vida amarga. Por outro lado, não quero que ela tenha uma educação masculina

demais. Porque, nesse caso, seria um desperdício toda essa formação se ela resolvesse se casar.

PASTOR – Desperdício?

ADOLF – É, desperdício sim. Ao ponto do futuro marido encontrar em casa, no lugar de uma mulher, um funcionário público, um engenheiro ou um médico.

PASTOR – Mas, afinal, o que você quer?

ADOLF – Ela não tem dote e é muito provável que nunca terá. Pois que seja professora. A vida é dura, você sabe... Se ela ficar solteira, poderá se sustentar. E, por fim se der sorte e se casar, pode usar tudo que aprendeu na educação dos filhos. Você não acha uma boa ideia?

PASTOR – É bastante razoável! Por outro lado, seria uma violência reprimir o talento de Bertha para a pintura.

ADOLF – Pintura? Eu mostrei os esboços dela para um pintor importante e ele me garantiu que não há nada de extraordinário naquilo. Tipo da coisa que qualquer um aprende na escola. Mas no verão passado, veio um idiota achando entender do assunto e disse que ela tinha um talento colossal. Imediatamente, Laura se empenhou em fazer de Bertha uma grande artista.

PASTOR – Aposto que foi algum jovem apaixonado por ela.

ADOLF – Só pode ser!

PASTOR – Que Deus te proteja, meu velho! Não tenho muita esperança nesse caso. Agora, você acha que Laura tem algum apoio e está mais envolvida nisso do que pode parecer?

ADOLF – Sem dúvida!

PASTOR – Então não vejo solução. Isso não é um bom sinal...

ADOLF – Claro que não. Minha mulher está empenhada em que Bertha se torne pintora. E, cá entre nós, os primeiros ataques vindos do lado dela não têm sido lá muito honestos.

PASTOR – Você acha que não conheço minha irmã? Sei bem do ela é capaz.

ADOLF – O pior de tudo é decidam o futuro de minha filha por razões desprezíveis. Vivem soltando frases insidiosas. Dizem que os homens vão ver só, que hoje em dia as mulheres são capazes disso e daquilo. Veja só: homens e mulheres em conflito... *(o pastor faz menção de se levantar)* Você já está indo? Fique para o jantar! Não tenho nada especial a oferecer, mas de qualquer modo, fique. Você sabe que estou esperando o novo médico.

PASTOR – É um sujeito amigável.

ADOLF – Bom! Você acha que ele pode vir a ser meu aliado?

PASTOR – Quem sabe? Depende de quanto tempo ele passou na companhia das mulheres.

ADOLF – Não quer mesmo ficar?

PASTOR – Prometi que estaria em casa para jantar. *(Em tom irônico)* “Sua Majestade” não fica muito fácil se me atraso.

ADOLF – Não fica fácil? Ela fica uma fera, isso sim! Faça como quiser. *(Ajuda o Pastor a por o casaco)* .

PASTOR – Cuide da sua saúde, Adolf – você parece bastante nervoso...

ADOLF – Nervoso?

PASTOR – É, você não parece lá muito bem.

ADOLF – Foi sua irmã quem lhe deu essa ideia? Faz vinte anos que Laura me trata como se eu estivesse a ponto de bater as botas!

PASTOR – Laura? Não. É que você me preocupa. Cuide-se! É um conselho que lhe dou! Até logo, meu velho. Você não gostaria de falar sobre a crisma de Bertha? Já é mais que tempo.

ADOLF – De jeito nenhum! Pretendo fazer uso do direito de pai, que a lei me garante. Tudo vai se resolver naturalmente, sem necessidade de ensinamentos religiosos, porque eu não sou crente nem mártir. Deixemos o assunto de lado.

PASTOR – Até. Mande meu carinho para Laura!

ADOLF – Lembranças para “Sua Majestade”!

CENA QUATRO

Adolf, a seguir Laura

ADOLF – *(Abre a escrivadinha e senta-se com o livro de contas)* Sessenta e sete, mais nove, setenta e seis... menos quatorze, sessenta e dois... mais 35, noventa e sete... vinte e cinco centavos...

LAURA – *(Chega, vinda dos aposentos)*. Posso falar com você um instante...

ADOLF – Já vai! Vinte e cinco centavos... noventa e oito, noventa e nove, cem. O que você quer?

LAURA – Talvez eu esteja incomodando, mas...

ADOLF – De maneira nenhuma! Você quer o dinheiro da casa, imagino...

LAURA – É, o dinheiro da casa.

ADOLF – Deixe as contas ali para eu examinar.

LAURA – Contas?

ADOLF – Sim!

LAURA – Agora eu tenho de prestar contas?

ADOLF – Claro! Estamos beirando a precariedade. A situação aqui em casa é complicada e isto tudo aqui é um órgão da Cavalaria. No caso de uma prestação de contas, é preciso ter tudo na ponta do lápis, sob o risco da lei me tomar por negligente. Enfim, aqui está o dinheiro da casa; e aqui o dinheiro para os seus alfinetes. Depois você me traz as contas.

LAURA – (*Faz uma mesura*) Muito obrigada! – Você também faz as contas dos seus gastos pessoais?

ADOLF – Isso não lhe diz respeito.

LAURA – Não, não diz. Está certo. Do mesmo modo que pouco me diz respeito a educação da minha filha. Os senhores tomaram alguma decisão durante a audiência desta tarde?

ADOLF – Eu já tinha tomado a minha decisão, só precisava comunicar ao único amigo que me resta em comum com esta família. Bertha vai estudar numa escola para moças na cidade e parte em quinze dias.

LAURA – E qual escola pra moças é essa, se é que eu posso perguntar?

ADOLF – No pensionato do Professor Savberg.

LAURA – Aquele livre-pensador! Um cientista sem fé!

ADOLF – De novo, não! Você está cansada de saber que os filhos devem ser educados conforme a vontade do pai. É a lei.

LAURA – E a mãe não pode ter voz nesse assunto?

ADOLF – Você vendeu os direitos de mãe por meio de uma transação legal em troca de ter um homem que cuide de você e de seus filhos. No caso, Bertha. Não prolongue a discussão.

LAURA – E você concorda? A mãe perder os direitos sobre os filhos?

ADOLF – As mulheres venderam este direito aos homens quando eles assumiram o dever de sustentar a elas e à sua prole. Não sei se você sabe? Mas, quando alguém vende um produto, não pode ficar com o dinheiro e ainda manter a mercadoria consigo.

LAURA – Mas se o pai e a mãe estivessem de acordo, juntos?

ADOLF – De que jeito? Eu quero que ela more na cidade, você quer que ela more aqui em casa. Pela matemática, ela deveria ficar parada na estação de trem entre a cidade e a nossa casa. É um nó impossível de desfazer! É muito complicado para você entender isso?

LAURA – Então precisamos desatar esse nó! *(Pausa. Mudando de assunto.)* O que Klaus queria aqui?

ADOLF – É segredo oficial!

LAURA – Um segredo que todo mundo na cozinha já conhece.

ADOLF – Bom, então você também sabe!

LAURA – Sim, eu também sei.

ADOLF – E qual o veredito?

LAURA – Ora... como em tudo por aqui, o veredito está na lei!

ADOLF – Não está escrito na lei quem é o pai da criança.

LAURA – Não, mas normalmente é fácil saber.

ADOLF – Mentres brilhantes costumam dizer que é impossível.

LAURA – Curioso... então não há mesmo como saber quem é o pai de uma criança?

ADOLF – Não. Pelo menos é o que dizem.

LAURA – Que estranho! Mas então como pode o pai ter todos esses direitos sobre os filhos de uma mulher?

ADOLF – Esses direitos são proporcionais aos deveres. Ele só tem direitos caso assuma as responsabilidades. Ou então se a responsabilidade for imposta. Assim, no casamento, não há dúvidas sobre a paternidade.

LAURA – Não há dúvida alguma?

ADOLF – Espero que não.

LAURA – E em caso de infidelidade da esposa?

ADOLF – Bom, isso já é outro assunto. Não é de um caso desses que estamos tratando! Mais alguma coisa?

LAURA – Não.

ADOLF – Então eu vou subir para o meu quarto e, por favor, me avise quando esse novo doutor chegar. *(Fecha a escrivaninha e se vira)*

LAURA – Com certeza!

ADOLF – *(Atravessa a porta à direita)* Avise! Não quero parecer indelicado. *(Sai)*

LAURA – Sei!

CENA CINCO

Laura, sozinha, observa as cédulas que tem na mão.

(Vinda de dentro ouve-se o som de uma sineta. Laura está distraída contando o dinheiro. A sineta se repete.)

Klaus abre a porta principal e anuncia o Doutor Ostermark.

KLAUS – Está aqui o Doutor Ostermark.

DOUTOR – Minha senhora!

LAURA – *(Anda até o doutor e lhe estende a mão)*. Seja bem-vindo, doutor! O capitão saiu, mas logo deve estar de volta. Por favor, fique à vontade!

DOUTOR – Obrigado. Desde já peço desculpas pelo adiantado da hora, mas eu estava fazendo algumas visitas.

LAURA – Eu imagino... temos tido muitos casos de doenças aqui na região, mas espero que mesmo assim o senhor goste daqui. Para nós, que vivemos isolados no campo, é muito importante ter um médico que se interesse pelos pacientes. E já ouvi tantos elogios a seu respeito, que só posso esperar que tenhamos ótimas relações.

DOUTOR – É gentileza de sua parte. E, para o bem de todos, espero que as minhas visitas não sejam assim tão frequentes. Imagino que a senhora tenha uma família saudável e, além disso...

LAURA – Ninguém sofre de doenças sérias por aqui, mas a situação poderia ser melhor.

DOUTOR – Desse jeito a senhora...

LAURA – Existem assuntos que a honra e a consciência nos obrigam a esconder do resto do mundo.

DOUTOR – Mas não do médico da família.

LAURA – Exatamente! Daí o meu doloroso dever de dizer a verdade.

DOUTOR – Será que não poderíamos adiar esta conversa até eu conhecer o Capitão?

LAURA – Não! O senhor precisa me ouvir antes.

DOUTOR – Então é algo a respeito dele?

LAURA – É... É a respeito do meu marido, coitado.

DOUTOR – Assim a senhora me preocupa! Acredite: pode confiar em mim.

LAURA – (*Pega um lenço*) Não há muito o que dizer: meu marido sofre de uma doença mental.

DOUTOR – O que a senhora está dizendo?

LAURA – O senhor poderá tirar suas conclusões quando se encontrar com ele.

DOUTOR – Mas como pode ser isso? Eu li com grande admiração um excelente artigo científico dele sobre mineralogia e sempre o considerei dono de uma inteligência potente e uma mente brilhante.

LAURA – É mesmo? Seria uma felicidade descobrir que nós, que somos sua família, estejamos enganados.

DOUTOR – Bom, é claro que... Vamos, me conte! Pode ser que a mente dele tenha alguma perturbação.

LAURA – De vez em quando, ele tem umas ideias muito estranhas que, como erudito e pensador, ele até poderia ter para si, desde que não causasse constrangimentos para toda a família. Por exemplo, ele tem mania de comprar tudo o que vê.

DOUTOR – E o que ele compra?

LAURA – Caixas e caixas cheias de livros que ele nunca lê!

DOUTOR – (*achando graça*) Nada preocupante um estudioso comprar livros, não é?

LAURA – O senhor não acredita no que estou dizendo?

DOUTOR – Tenho certeza de que a senhora acredita no que diz.

LAURA – Então me diga: o senhor acha possível que um homem consiga ver num microscópio o que se passa em um outro planeta?

DOUTOR – Como assim?

LAURA – É o que ele diz.

DOUTOR – Através de um microscópio?

LAURA – Isso mesmo!

DOUTOR – Se for realmente assim, pode ser preocupante!

LAURA – Se realmente for assim?! Então o senhor não acredita em mim, doutor? Eu que estou aqui revelando um segredo de família...

DOUTOR – Fico honrado com esse voto de confiança, mas como médico eu devo examinar e analisar antes de julgar. O capitão alguma vez mostrou sintomas como variações de humor ou momentos em que lhe falte força de vontade?

LAURA – Doutor, estamos casados há vinte anos e até hoje ele nunca tomou uma decisão de que mais tarde não tenha se arrependido.

DOUTOR – Ele é teimoso?

LAURA – Quer tudo feito do jeito dele, mas assim que consegue, esquece o assunto e deixa que eu decida sozinha.

DOUTOR – (*tomando notas*) Voluntarioso e teimoso ao mesmo tempo. Pode ser sério. Demanda uma observação mais atenta. A vontade, a senhora verá, é a espinha dorsal da mente. Sem ela, todo o resto desmorona.

LAURA – Deus sabe que tive de me acostumar a ceder aos caprichos desse homem durante vinte anos de provações.

DOUTOR – Sinto muito e prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance.

LAURA – Ah, se o senhor soubesse o quanto lutei ao lado dele nessa vida.

DOUTOR – Lamento e peço que confie em mim. Depois do que ouvi, preciso pedir que evite suscitar ideias que possam causar impressões fortes no Capitão. Em um cérebro frágil, esses pensamentos se desenvolvem muito depressa e podem evoluir para manias ou ideias fixas.

LAURA – O senhor quer dizer que não posso provocar a desconfiança dele!

DOUTOR – Exato! Um doente pode se convencer de qualquer coisa, apenas por estar numa situação sensível demais.

LAURA – Ah! É mesmo, é? Entendo! Sim! – Sim! (*Uma sineta soa dentro dos aposentos*) Perdão, pela sineta, parece ser minha mãe quem está chamando. Eu já volto... Veja, ali está Adolf...

CENA SEIS

Doutor e Adolf, vindo dos aposentos.

ADOLF – Então o senhor já está aí, doutor!

DOUTOR – Capitão!

ADOLF – Seja muito bem-vindo!

DOUTOR – É uma honra conhecer um cientista tão renomado como o senhor.

ADOLF – Ah, por favor.

DOUTOR – É verdade. Tenho lido trabalhos muito interessantes de sua autoria.

ADOLF – Minha vida a serviço da cavalaria não permite investigações mais aprofundadas, mas apesar disso, acredito estar a caminho de uma descoberta e tanto.

DOUTOR – Mesmo?!

ADOLF – Submeti meteoritos a uma análise espectroscópica e encontrei vestígios de carbono. Isso equivale dizer sinais de vida orgânica! O que acha disso?

DOUTOR – O senhor observa isso tudo num microscópio?

ADOLF – Não, meu caro! Num espectroscópio!

DOUTOR – Ah, num espectroscópio... desculpe! Então logo poderá nos dizer o que acontece em Marte!

ADOLF – Não o que acontece, mas o que aconteceu. E seria mais fácil se pelo menos os livreiros de Paris me enviassem os livros de que preciso. Mas acho que todos os livreiros do mundo estão conspirando contra mim. Imagine que, em dois meses, nem um sequer respondeu às minhas cartas e nem mesmo aos telegramas em tom de urgência! Não entendo, vou acabar enlouquecendo com isso.

DOUTOR – O senhor não pode permitir que isso o incomode a esse ponto.

ADOLF – É um inferno! O diabo é que não vou conseguir terminar meu tratado a tempo e sei que há pesquisadores trabalhando nessa mesma hipótese em Berlim. Gente pesquisando o mesmo assunto que eu. (...) Mas desculpe. Não era disso que deveríamos estar falando. E sim a seu respeito. Vou direto ao ponto: se quiser ficar aqui, temos um pequeno aposento nesta ala – ou se preferir, pode ficar em outra casa da vila.

DOUTOR – Como o senhor desejar.

ADOLF – Insisto: será como o senhor quiser! Vamos, diga lá!

DOUTOR – Mas é o senhor quem deve decidir!

ADOLF – Não, eu não decido. O senhor diz o que prefere e eu aceito.

DOUTOR – Mas eu não posso decidir sobre assunto que diz respeito à intimidade de sua casa...

ADOLF – Por Deus, Doutor! Faça uma escolha. O senhor não é firme o suficiente para fazer uma escolha simples como esta? (...) Vamos, homem, diga! Ou vou acabar me irritando com o senhor.

DOUTOR – Bom, se depende de mim, prefiro ficar aqui!

ADOLF – Melhor assim. E perdoe minha insistência. Nada me irrita tanto quanto pessoas indecisas. (*Toca a sineta. Margret entra*). Margret, este é o Doutor Ostermark. O quarto de hóspedes está em ordem para o Doutor?

MARGRET – Em ordem, Capitão. Lençóis, toalhas, tudo. Se o Doutor precisar de mais alguma coisa é só pedir.

ADOLF – Perfeito. Então, fique à vontade... O senhor deve estar cansado e não quero mais tomar seu tempo. Espero que minha mulher tenha informado o senhor das condições que encontrará aqui.

DOUTOR – Ela me fez algumas observações que podem ser muito úteis para um recém-chegado.

ADOLF – Tanto melhor.

DOUTOR – Boa noite, capitão.

ADOLF – Mais uma vez seja bem-vindo. Até amanhã!

CENA SETE *Adolf e Margret*

ADOLF – O que você quer, Margret?

MARGRET – Tem um minuto, meu menino?

ADOLF – Claro, minha velha. Fale. Você é a única pessoa que consigo ouvir sem ter calafrios.

MARGRET – Adolf... agora escute: será que não valeria a pena tentar um caminho do meio, um acordo com a patroa nessa história da menina? Pense um pouco na mãe que...

ADOLF – Pense no pai!

MARGRET – É isso, isso! Um pai tem outros interesses além dos filhos, mas para uma mulher... pra a mãe, os filhos são tudo na vida... tudo!

ADOLF – Pois então. Ela só tem um fardo, mas eu tenho três, e o fardo dela quem carrega sou eu. Se não fosse por ela e Bertha hoje eu ocuparia uma posição muito melhor na vida. Não terminaria meus dias como um pobre e velho soldado.

MARGRET – Meu menino, não era disso que eu queria falar. Você tem alguma dúvida do quanto eu lhe quero bem?

ADOLF – Eu acredito nas suas boas intenções. Mas você não sabe o que é bom para mim. Para mim não é suficiente ter dado a vida à minha filha; quero dar a ela também a minha alma.

MARGRET – Ainda acho que você é pode conseguir um acordo com a patroa.

ADOLF – Você não é minha amiga!

MARGRET – Eu? Ah, meu Deus. O que está dizendo? Será que esqueceu de quando era pequeno? Esqueceu de que eu sempre tratei você como um filho?

ADOLF – *(Com ternura)* Acha que eu poderia ter esquecido? Você foi uma mãe para mim. Sempre ao meu lado quando todos estavam contra. *(Mudando o tom)* Mas agora, que eu preciso de você, onde está? Do lado do inimigo.

MARGRET – Inimigo!?

ADOLF – Inimigo, sim! Você sabe muito bem como são as coisas nesta casa. Você viu tudo, desde o começo.

MARGRET – É. Vi o suficiente! Mas... Deus sabe que... por que duas pessoas precisam arruinar desse jeito a vida uma da outra? Duas pessoas que são tão boas, que só querem o bem de todos! A patroa nunca esteve contra mim ou contra os outros...

ADOLF – Não, só contra mim: se você me abandonar agora vai cometer um erro. Já começaram a tramar contra mim. E esse doutor aí, ele não é meu amigo!

MARGRET – Ah! Senhor Adolf, o senhor vê o mal em tudo, pensa mal de todo mundo, mas é só porque não conhece a verdadeira fé... Só por isso.

ADOLF – Então vocês batistas encontraram a única fé verdadeira? Que sorte, hã?

MARGRET – Apenas não sou tão infeliz quanto você. Coloque mais humildade em seu coração e Deus vai fazer o senhor feliz no amor ao próximo.

ADOLF – É estranho... quando você fala de Deus e de amor, sua voz fica dura e seus olhos se enchem de ódio... Não, com certeza você não encontrou a verdadeira fé.

MARGRET – Está certo, então. Fique com o seu orgulho de homem que se acha melhor que os outros só porque tem estudo, mas saiba que isso não vai adiantar muita coisa quando chegar a hora.

ADOLF – Quanta arrogância pra quem diz ter um coração humilde. Mas eu sei muito bem que o estudo não adianta nada para seres despreparados como vocês, mulheres.

MARGRET – Você deveria ter vergonha! Falar desse jeito comigo! Mas apesar de tudo, esta velha despreparada aqui, ainda assim, se importa muito com este menino crescido, que sempre volta para os meus braços feito um bebezão quando o tempo fecha.

ADOLF – Margret, me desculpe. Mas acredite quando eu digo: ninguém aqui quer o meu bem além de você. Me ajude. Eu sei que alguma coisa está para acontecer. Não sei ainda o quê, mas será algo terrível. *(Ouvem-se gritos vindos de dentro da casa)* O que é isso?

CENA OITO

Bertha chega aos aposentos.

BERTHA – Papai, papai! Me ajude!

ADOLF – Bertha, o que foi? *(Silêncio. Ela está em choque)*

BERTHA – Me ajude, pai! Ela quer me fazer mal!

ADOLF – Quem quer fazer mal a você? Diga! Vamos!

BERTHA – A vovó! Mas a culpa não é dela. É minha. Eu enganei a vovó!

ADOLF – Mas o que aconteceu, afinal?

BERTHA – Eu digo, mas o senhor não pode contar nada a ninguém. Precisa guardar segredo! Promete. (*Adolf consente.*)

ADOLF – Claro! (*Margret sai*).

BERTHA – À noite, na mesa, ela diminui a luz, senta ao meu lado, me dá papel e caneta e diz que desse jeito os espíritos conseguem se comunicar. Escrevendo.

ADOLF – Que história é essa?

BERTHA – E aí a caneta escreve, mas eu não sei se sou eu quem está escrevendo ou não. E às vezes dá certo, mas às vezes não dá. Nem sempre eu quero ir até o fim. E quando eu estou cansada, aí que não dá certo mesmo! E então, a vovó insiste.

ADOLF – Por que você não me contou isso antes?

BERTHA – Desculpe eu nunca ter contado... mas é que eu... eu sempre tive medo, porque a vovó disse que os espíritos se vingam de quem conta. Hoje eu achei até que escrevi bem direitinho, mas ela disse que aquilo era de um poeta que eu conhecia... e que eu estava fingindo. Então ficou muito brava.

ADOLF – Você acredita em espíritos?

BERTHA – Não sei!

ADOLF – Mas eu sei, eles não existem!

BERTHA – Mas, pai, a vovó diz que o senhor não entende nada disso e que faz coisas muito piores (*pausa*) que o senhor pode ver outros planetas.

ADOLF – Ela disse isso, é?

BERTHA – Diz que o senhor é capaz de fazer feitiços!

ADOLF – Ignorância. Você sabe o que são meteoritos? São pedras que caem, vindas de outros corpos celestes. Eu posso examiná-las e descobrir se contêm as mesmas substâncias que o nosso mundo. É só isso que eu posso fazer.

BERTHA – Mas a vovó diz que o senhor é capaz de coisas terríveis.

ADOLF – Então... talvez ela esteja mentindo!

BERTHA – A vovó não mente!

ADOLF – Como não?

BERTHA – Não mente! E nem a mamãe!

ADOLF – Sei...

BERTHA – E se disser que a mamãe mente, nunca mais vou acreditar no que o senhor diz!

ADOLF – Eu nunca disse que elas mentem. Eu também não minto.

BERTHA – Eu sei, papai. Eu sei... mas...

ADOLF – Você só está um pouco confusa.

BERTHA – Aqui é sempre tão tenso, tão horrível, parece uma noite de inverno... mas quando o senhor chega, pai, é como se alguém abrisse todas as janelas em uma manhã de primavera!

ADOLF – Acredite quando eu digo que o melhor para o seu futuro é você ir embora dessa casa! O que acha? Você quer? Quer ir para a cidade e aprender alguma coisa que seja útil?

BERTHA – Ah, eu quero muito ir à cidade, sair daqui, ir para qualquer lugar! Desde que eu possa ver o senhor às vezes... às vezes, não, sempre. Sempre!

ADOLF – Minha menina querida!

BERTHA – Mas, papai, escute: seja gentil com a mamãe; sim? Ela está sempre chorando!

ADOLF – Está bem... ser gentil. Então? O que me diz? Quer ir para a cidade?

BERTHA – Quero!

ADOLF – Mas e se a sua mãe não quiser que você vá?

BERTHA – Ela vai querer! Ela tem que querer!

ADOLF – Mas se não quiser?

BERTHA – Bom, aí eu não sei o que vai acontecer! Mas ela há de querer!

ADOLF – Vai pedir para ela?

BERTHA – O senhor é que tem que pedir. E bem direitinho, porque ela não se importa nem um pouco com as minhas vontades!

ADOLF – Está certo. Pedir direitinho. Mas e se eu quiser, e você quiser, e ainda assim ela não quiser, como vamos fazer?

BERTHA – Ah, aí fica tudo enrolado de novo! Por que vocês dois não dão um jeito de...

CENA NOVE

LAURA entra.

LAURA – Bertha você está aqui! Então, quem sabe, seja bom escutar a opinião dela antes que seu futuro seja decidido.

ADOLF – É uma criança. Como você pode querer que ela tenha opinião formada sobre os caminhos que vai tomar no futuro? Nós, ao contrário, podemos ao menos tentar ajudar, já que vimos muitas moças crescerem.

LAURA – Mas como temos opiniões bem distintas, cabe a ela decidir.

ADOLF – Não! Não vou admitir que ninguém contrarie os meus direitos, seja mulher ou criança! Bertha, já pra dentro. *(Bertha sai)*

LAURA – Você teve medo de ouvir a opinião dela. Achou que ficaria do meu lado.

ADOLF – Eu sei que ela quer sair dessa casa. Mas sei também que você tem o poder de mudar a vontade dela de acordo com seus caprichos.

LAURA – Eu sou tão poderosa assim?!

ADOLF – É, você tem o poder diabólico de conseguir tudo do jeito que quer. O Doutor Norling, por exemplo.

LAURA – O que um médico que nem trabalha mais aqui tem a ver com isso?

ADOLF – Como foi que você se livrou dele? Como conseguiu arranjar esse outro médico?

LAURA – Pois é, como foi que consegui?

ADOLF – Você insultou tanto o médico até que ele fosse embora. Daí, fez com que seu irmão recomendasse este outro.

LAURA – Ah, foi simples e dentro da normalidade. *(mudando de assunto)* E então, Bertha vai partir?

ADOLF – Vai.

LAURA – Quando?

ADOLF – Daqui a duas semanas.

LAURA – Está decidido?

ADOLF – Estou!

LAURA – Então eu posso me prevenir e tentar mudar a opinião dela!

ADOLF – Não pode!

LAURA – Não posso? Você acha mesmo que uma mãe vai confiar sua única filha a pessoas perversas, de modo que ela pense que tudo o que a mãe lhe ensinou não passa de bobagens. E no fim das contas, ela ainda me desprezaria pelo resto dos meus dias.

ADOLF – E você acha que um pai vai permitir que um bando de mulheres ignorantes e supersticiosas ensinem à sua filha que ele é um charlatão?

LAURA – Isso é menos importante pro o pai.

ADOLF – Por que?

LAURA – Porque a mãe é a pessoa mais próxima dos filhos. Já que ninguém pode saber ao certo quem é o pai. (*tempo*) Você não sabe se é ou não o pai de Bertha!

ADOLF – Como não sei?

LAURA – Não, porque ninguém sabe. É impossível saber.

ADOLF – Que brincadeira é essa?

LAURA – Brincadeira, nenhuma. Só estou fazendo uso dos seus ensinamentos. Afinal de contas, como você pode ter certeza da minha fidelidade?

ADOLF – Eu sei que você é capaz de quase tudo, mas não disso. Nem diria isso se fosse verdade.

LAURA – Imagine que eu tenha me preparado para aguentar de tudo – até ser desprezada – só pelo bem da minha filha e pra poder ficar ao lado dela, poder educá-la. E mais: que agora eu estivesse sendo sincera ao dizer, Bertha é minha filha, mas não sua! Apenas imagine que...

ADOLF – Chega. Para!

LAURA – Apenas imagine: neste caso, todo o seu poder sobre ela deixaria de existir!

ADOLF – Assim que você conseguir provar, eu deixo de ser o pai!

LAURA – Não seria difícil! Quer me ver provar?

ADOLF – Para!

LAURA – Claro que eu só precisaria dar o nome do verdadeiro pai, oferecer todos os detalhes, definir melhor o lugar e a ocasião. Por exemplo, quando foi que Bertha nasceu? No nosso terceiro ano de casamento. Não é?

ADOLF – Chega. Para agora! Ou então...

LAURA – Ou então o quê? Vamos parar agora? Pense bem no que você faz! E nas decisões que toma. E, acima de tudo, não seja ridículo!

ADOLF – Isso é lamentável!

LAURA – Assim você fica ainda mais ridículo!

ADOLF – E você não?!

LAURA – Nós mulheres somos mais espertas.

ADOLF – Por isso é impossível enfrentar vocês.

LAURA – Então por que lutar contra um inimigo superior?

ADOLF – Superior!?

LAURA – Claro! É engraçado, mas nunca olhei para um homem sem me sentir superior a ele.

ADOLF – Então você terá que enfrentar um adversário superior de uma vez por todas. Para que nunca mais esqueça.

LAURA – Seria interessante.

MARGRET – *(Entra)* A mesa está posta. Gostariam de comer?

LAURA – Claro! *(Adolf demora-se; senta-se em um sofá ao lado da mesa em frente ao divã).* Você não vem jantar?

ADOLF – Não, obrigado. Não vou jantar esta noite.

LAURA – Está furioso, não está?

ADOLF – Não, só estou sem apetite.

LAURA – Venha, senão elas todas vão me fazer perguntas desnecessárias! Seja bonzinho, vai? *(aguarda um instante)* Bom, se você não quer, fica aí sentado, então! *(Sai)*

MARGRET – Adolf! O que está acontecendo aqui?

ADOLF – Não sei. Você poderia me explicar por que vocês, mulheres, tratam um velho como se fosse uma criança?

MARGRET – Quem sabe por que vocês, homens, são filhos de mulheres, sejam jovens ou velhos...

ADOLF – Mas as mulheres não nascem dos homens. Mas eu sou o pai de Bertha. Você não acha?

MARGRET – Ah meu Deus!

ADOLF – Responda!

MARGRET – Como você é tolo. Claro que você é o pai da sua própria filha. Agora venha comer, não fique sentado aí com essa cara! Vamos!

ADOLF – (*Levanta-se bruscamente*) Saia daqui, mulher! Pro inferno todas vocês. Bruxas! (*Vai até a porta do corredor*) Klaus, Klaus!!!

KLAUS – (*Entra*) Às ordens, senhor capitão!

ADOLF – Prepare o trenó coberto, depressa!

MARGRET – Capitão! Me escute...

ADOLF – Fora, mulher! Klaus, depressa! (*Klaus sai.*)

MARGRET – Que Deus nos proteja... o que vai acontecer agora?

ADOLF – (*Agasalha-se e prepara-se para sair*) Não me esperem antes da meia-noite! (*Sai.*)

MARGRET – Deus nos ampare! Onde é que tudo isso vai parar?

ATO II

Mesmo cenário do ato anterior. É noite; a lamparina está acesa sobre a mesa. O Doutor Ostermark e Laura estão em cena.

CENA UM

DOUTOR – O que apurei de nossa conversa não foi o bastante para me convencer. Em primeiro lugar, a senhora cometeu um erro dizendo que o capitão tinha alcançado aqueles resultados surpreendentes a respeito dos corpos celestes por meio de um microscópio. Com ele, agora há pouco, pude aprender que se tratava na verdade de um espectroscópio. Não está apenas descartada a suspeita de insanidade, mas também fica claro que ele prestou um grande serviço à ciência.

LAURA – Mas eu nunca disse isso!

DOUTOR – Minha cara, eu tomei notas precisas e me lembro de ter perguntado a respeito deste ponto específico. Porque poderia não ter ouvido direito. É preciso ter cuidado ao fazer certas acusações que podem conduzir a um diagnóstico e uma declaração de distúrbio mental.

LAURA – Declaração de distúrbio mental?

DOUTOR – Sim, a senhora sabe que, em caso de demência, uma pessoa perde todos os direitos civis e familiares.

LAURA – Não, não sabia.

DOUTOR – Existe ainda um outro assunto digno de atenção. Seu marido comentou não ter recebido uma correspondência que aguardava de alguns livreiros. A senhora, talvez por excesso de cuidados, teria por acaso se envolvido e interceptado essa correspondência?

LAURA – Interceptei, sim. Era meu dever proteger os interesses da família, e não poderia deixar que ele nos levasse à ruína sem interferir e tentar impedir!

DOUTOR – Me desculpe, mas acho que a senhora não mediu as consequências dos seus atos. Se ele descobrir esta sua intervenção secreta nos assuntos pessoais dele, verá que as suas suspeitas têm fundamento, e logo elas desabarão sobre todos como uma avalanche. Além disso, como se não bastasse, a senhora contrariou a vontade dele, e com isso o irritou ainda mais – deixando o Capitão fora de si. A senhora deve saber como isso corrói a mente – quando algo se opõe ao desejo mais profundo – quando a vontade se vê frustrada.

LAURA – Se eu sei? Como sei!

DOUTOR – Imagine, então, o que ele deve ter passado.

LAURA – *(Se levanta)* É meia-noite e ele não voltou para casa. Agora podemos temer pelo pior.

DOUTOR – Mas o que aconteceu depois que me retirei?

LAURA – Ele começou a ter umas ideias esquisitas. Delirava como um selvagem. Imagine, chegou até a fantasiar que não era o pai da própria filha!

DOUTOR – Estranho... mas como ele pôde ter esse tipo de pensamento?

LAURA – Não faço ideia. A menos que tenha sido por conta da questão da paternidade do filho de um dos soldados com a criada – e eu tentei defender a moça. Ele perdeu a cabeça e disse que não há como saber quem é o pai de uma criança. Deus sabe que fiz de tudo para acalmar o meu marido, mas agora acho que não há mais solução. *(Chora)*

DOUTOR – Isso não pode continuar; precisamos fazer alguma coisa sem que ele suspeite de nada. O Capitão já teve delírios como esse?

LAURA – Uns seis anos atrás, ele ficou do mesmo jeito. Então, admitiu ao médico que temia por sua sanidade. Numa carta de próprio punho.

DOUTOR – Entendo... Está claro que é uma história com antecedentes profundos, mas não posso fazer perguntas invasivas sobre a vida familiar. Devo me ater ao que é visível. Lamento, mas o que está feito não pode ser desfeito, apesar de que, para tratar de seu marido, terei que me basear no histórico dele. Onde a senhora acha que ele pode estar agora?

LAURA – Não faço a menor ideia. Ele anda com esses rompantes...

DOUTOR – A senhora gostaria que eu ficasse aqui na sala até a volta dele? Para evitar qualquer suspeita, podemos dizer que estou aqui por conta da senhora sua mãe, que não estava muito bem.

LAURA – Seria muito gentil de sua parte. Não nos deixe, Doutor. Se o senhor soubesse como estou! Não seria melhor dizer logo a ele o que o senhor pensa sobre... sobre o estado dele?

DOUTOR – Onde já se viu! Isso não é coisa que se diga a um paciente, a menos que ele mesmo tenha tocado no assunto. E, ainda assim, em raras situações. Depende muito do caso. Mas não é bom esperarmos por ele aqui. Talvez eu deva ficar na sala ao lado.

LAURA – É, pode ser melhor. Peço a Margret para ficar aqui. Ela sempre fica acordada quando meu marido está fora e é a única pessoa que ainda tem alguma influência sobre ele. *(Vai até porta à esquerda)*. Margret! Margret!

MARGRET – O que a patroa deseja? O Capitão voltou para casa?

LAURA – Não, mas quero que você espere por ele. E quando chegar, diga que minha mãe não passou bem e que por isso o doutor ainda está por aqui.

MARGRET – A senhora pode contar comigo! Vai dar tudo certo.

LAURA – *(Abre a porta aos aposentos)* Doutor, por favor. *(Indica o local)*

CENA DOIS

Bertha e Ama

Ao lado da mesa, pega um livro de orações e um par de óculos.

MARGRET – Pois bem... esperar... *(Lê a meia-voz)*

Ai de mim!
É uma coisa lamentável e sofrida;
Que num vale de lágrimas
Termine a nossa vida.
O Anjo da Morte vence como um rei
Atinge a todos com sua lança;
E em toda a parte um grito avança:
Vaidade, tudo é vaidade!

Tudo o que tem vida e respira na Terra
Sucumbe quando o tempo se encerra;
E a tristeza, que ante a morte é só migalha
Ao chegar ao fim, na pedra fria entalha:
Tudo é vaidade, não passa de vaidade!

BERTHA – *(Entra com um bule e um bordado; fala baixo)* Margret, posso ficar aqui com você? Estou apavorada. Não quero ficar lá em cima!

MARGRET – Pelas sete chagas de Cristo... Ainda de pé?

BERTHA – Tenho que terminar o presente de Natal do papai. E tenho certeza que você vai gostar!

MARGRET – Ai, Deus: me ajude. Já passa da meia-noite e você, mocinha, precisa se levantar bem cedo amanhã!

BERTHA – Não me atrevo a ficar sozinha lá em cima... acho que os espíritos estão trabalhando.

MARGRET – O que eu vivo dizendo? Esta casa não foi construída num bom lugar. Não há bons espíritos nesta casa. O que foi que você escutou?

BERTHA – Alguém cantando lá no sótão.

MARGRET – No sótão? A esta hora!

BERTHA – É! Uma canção muito triste. Como eu jamais havia escutado. Parecia que vinha do depósito, perto de onde fica o berço, sabe, à esquerda...

MARGRET – Meu Deus! E esse tempo terrível que está fazendo, parece que as chaminés vão trincar com o vento. Ah, meu bebê, que Deus nos dê um bom Natal!

BERTHA – Margret, é verdade que o papai está doente?

MARGRET – É lamento, mas é verdade, sim!

BERTHA – Então, não podemos celebrar o Natal. E ele?! Como é que ele está andando por aí, doente?

MARGRET – Bertha, como vou explicar... a doença do seu pai não o impede de ficar de pé ou andar. *(algo chama sua atenção)* Shhh... tem alguém no corredor. Vá se deitar agora, senão ele fica zangado.

BERTHA – *(Sai levando a bandeja)* Boa noite, Margret!

MARGRET – Boa noite, criança; Deus te abençoe!

CENA TRÊS

Margret e Adolf

ADOLF – *(Tira o casaco)* Ainda de pé? Vá se deitar!

MARGRET – Eu só estava esperando até que... Adolf?

O Capitão acende uma lamparina; abre a escrivaninha; senta-se junto a ela e tira do bolso cartas e alguns papéis.

ADOLF – O que foi?

MARGRET – A sua sogra está doente. E o doutor ainda está de pé.

ADOLF – Alguma coisa grave?

MARGRET – Não, acho que não. Só um resfriado.

ADOLF – *(Se levanta)* Quem é o pai de seu filho?

MARGRET – Essa história de novo? Já disse tantas vezes que é aquele imprestável do Gunther.

ADOLF – Tem certeza que é ele?

MARGRET – Que criancice! Claro que tenho certeza, já que ele foi o meu único homem. Está ouvindo: único!

ADOLF – Certo, mas ele sabia que foi o único? Não, ele não poderia saber, mas você tinha certeza. Entende? É aí que está a diferença.

MARGRET – Não, eu não consigo ver diferença.

ADOLF – Você pode não ver, mas a diferença existe mesmo assim! *(Folheia um álbum de fotografias que está em cima da mesa)*. Você acha Bertha parecida comigo? *(Observa um retrato no álbum)*

MARGRET – Mas é claro. Um é a cara do outro!

ADOLF – Gunther assumiu que era o pai?

MARGRET – Você sabe, ele foi obrigado.

ADOLF – Ah, que horror!

(O Doutor entra)

CENA QUATRO

Adolf, Margret e o Doutor

ADOLF – Boa noite, Doutor. Como está a minha sogra?

DOUTOR – Nada grave; só uma leve torção no pé esquerdo.

ADOLF – Tive a impressão de Margret falar em resfriado. Parece que há diagnósticos diferentes para o mesmo caso. Vá para a cama, Margret! *(Margret sai. Pausa. Ele faz gesto para o Doutor sentar-se.)* Fique à vontade, doutor.

DOUTOR – (*Senta-se*) Obrigado!

ADOLF – É verdade que da cruza de uma égua com uma zebra macho pode tanto nascer um potro listrado, quanto um potro sem listras?

DOUTOR – (*Surpreso*) É a mais pura verdade!

ADOLF – Então, a semelhança dos filhos com pai não prova nada.

DOUTOR – Bom...

ADOLF – O senhor é viúvo, não é? E tem filhos?

DOUTOR – S..sou... tenho.

ADOLF – Eu não sei de nada tão engraçado quanto ver um homem sair com os filhos pela rua. “Os filhos da minha mulher”, ele deveria dizer. O senhor nunca foi atormentado pela dúvida? Nem falo em suspeitas, suponho que sua esposa estivesse livre disso. Mas o senhor nunca se sentiu ridículo como pai?

DOUTOR – Não, nunca. Capitão, acho que foi Goethe quem disse: “devemos aceitar nossos filhos de boa-fé”.

ADOLF – É arriscado tomar qualquer coisa de boa-fé, quando há mulheres envolvidas.

DOUTOR – Não estou falando de mulheres. Estou falando de filhos. E, além disso, existem tantos tipos de mulher no mundo!

ADOLF – Só existe um tipo. Uma vez eu passava o verão num balneário. Havia por lá uma jovem senhora com os filhos; o marido tinha negócios na capital. Era religiosa, fiel, até me passava uns sermões. Não me despertava o menor interesse. Emprestei a ela um livro e antes de partir, ela me devolveu. Algumas semanas depois, encontrei nele um cartão de visitas com uma declaração ingênua. A declaração de amor de uma mulher casada a um homem que jamais lhe fez qualquer avanço. Agora vem a moral: não confie demais.

DOUTOR – Também não confie de menos!

ADOLF – Não. Só o suficiente. Mas, doutor, aquela mulher foi tão desonesta que poderia chegar ao extremo de confessar ao marido as fantasias que alimentava por mim. E é aí que está o perigo – as mulheres não têm consciência dessa desonestidade instintiva. Esta circunstância pode ser um atenuante, admito, mas não anula o castigo que seria justo.

DOUTOR – Seus pensamentos estão tomando caminhos mórbidos e isso é preocupante.

ADOLF – ‘Preocupante’. As caldeiras só explodem quando os ponteiros chegam ao máximo; mas esse máximo não é o mesmo para todas as caldeiras, certo?

DOUTOR – O senhor precisa ter controle.

ADOLF – De qualquer modo, o senhor está aqui para ficar de olho em mim. Se eu fosse uma mulher, agora poderia fazer acusações, me lamentar, antecipar meu diagnóstico. Mas, infelizmente eu sou um homem e só me resta cruzar os braços sobre o peito e prender a respiração até morrer. Tenha uma boa noite!

DOUTOR – Se o senhor está doente, falar sobre o assunto ou se preocupar com ele não vai, em nada, manchar a sua honra. De fato, é meu dever ouvir todas as partes!

ADOLF – Parece que só uma já foi suficiente.

DOUTOR – Não, Capitão.

ADOLF – O senhor está vendo que estou calmo, e pode ir para a cama bem tranquilo.

DOUTOR – Boa noite.

ADOLF – Somos inimigos?

DOUTOR – Longe disso! Longe disso! *(Sai)*

ADOLF – *(Segue o doutor até a porta ao fundo; a seguir, dirige-se à porta esquerda e abre uma fresta.)* Escutei você aí bisbilhotando. Entre de uma vez e vamos conversar!

CENA CINCO

Adolf e Laura

(Laura entra, envergonhada. O Capitão está sentado junto à escrivaninha.)

ADOLF – Já é tarde, mas precisamos tomar algumas decisões sem rodeios. *(Indica o sofá. Pausa.)* Estive no correio e descobri que você interceptou tanto as cartas que chegavam para mim quanto as que eu enviava. Você pode imaginar como me prejudicou. Esse tempo perdido pode acabar com todo o meu trabalho.

LAURA – Eu tive boas intenções: você estava negligenciando o trabalho na cavalaria por conta dessas pesquisas.

ADOLF – Boa intenção coisa nenhuma! Você sabia que um dia eu acabaria sendo mais reconhecido por minhas pesquisas do que na cavalaria. Você nunca desejou o meu reconhecimento. Por medo que sua insignificância ficasse ainda mais evidente. Por causa disso, peguei as cartas endereçadas a você.

LAURA – Que atitude nobre da sua parte!

ADOLF – Não seja irônica. Há muito tempo você tem colocado todos os meus velhos amigos contra mim, espalhando boatos a respeito do meu estado mental. E esse trabalho parece ter dado certo, já que ninguém, do coronel à cozinheira, acredita na minha sanidade. Minha sanidade mental não está abalada, como você bem sabe; posso dar conta do meu trabalho e das minhas responsabilidades como pai. Meus sentimentos ainda estão parcialmente sob controle, enquanto minha força de vontade estiver intacta. Mas se você continuar roendo a corda, minhas engrenagens vão voar e o mecanismo inteiro vai colapsar. Não apelo aos seus sentimentos. Você nem tem. Essa é a sua força; mas apelo aos seus interesses.

LAURA – O que você propõe?

ADOLF – Você foi conseguiu despertar suspeitas de um jeito que meus pensamentos começam a se perder. É a loucura que se aproxima. É o que você tanto espera e vai acontecer a qualquer momento. O que é mais interessante para você, minha loucura ou minha sanidade? Pense bem! Se eu for ladeira abaixo, perco o meu trabalho e para onde vocês todas vão? Se eu morrer, meu seguro de vida vai para você. Mas se eu tirar a minha própria vida, você fica sem nada! Acho que é do seu interesse que eu viva até o fim.

LAURA – Isso é uma armadilha?

ADOLF – Sem dúvida! E cabe a você decidir se vai contorná-la ou vai meter a cabeça dentro dela.

LAURA – Você fala em se matar, mas eu duvido que seja capaz!

ADOLF – Tem certeza? Acha que um homem pode viver sem ter nada ou ninguém que de fato importe?

LAURA – Então você está se rendendo?

ADOLF – Não, proponho um acordo de paz.

LAURA – É quase o mesmo. Em quais condições?

ADOLF – Que eu possa conservar minha sanidade. Me livre de todas essas suspeitas e eu abro mão da luta.

LAURA – Que suspeitas?

ADOLF – Sobre a paternidade de Bertha.

LAURA – Mas existem suspeitas a respeito disso?

ADOLF – Claro que existem, foi você que despertou.

LAURA – Eu?

ADOLF – Sim, você pingou o seu veneno em meus ouvidos e as suspeitas só fizeram aumentar. Me livre delas... confesse a sua culpa de uma vez e eu a perdoou.

LAURA – Como vou assumir uma culpa que não tenho?

ADOLF – Que importância isso tem, se você tem certeza que eu não vou contar pra ninguém? Que homem sai por aí alardeando sua vergonha?

LAURA – Se eu disser que não é verdade, você não vai se convencer. Mas se eu disser que aconteceu, você vai. Parece que você prefere que tenha acontecido.

ADOLF – Sei que é estranho, mas o primeiro caso não pode ser provado, só o segundo.

LAURA – Você tem algum motivo, pra suspeitar de mim?

ADOLF – Sim e não!

LAURA – Pois o que eu acho é que você quer que eu assuma a culpa para me mandar embora e ficar responsável pela nossa filha. Mas eu não vou colocar a cabeça nessa armadilha!

ADOLF – Você acha que eu assumiria o filho de outro se tivesse certeza da sua culpa?

LAURA – Não, eu não acho. Eu tenho certeza! Você mentiu agora há pouco, quando disse que me perdoaria adiantado.

ADOLF – *(Levanta-se.)* Laura, salve a mim e à minha razão! Se Bertha não é minha filha, eu nem quero ter direito algum sobre ela. E é isso que você quer! *(Pausa, reflete)* Ou talvez você queira ainda mais? Você quer ter poder sobre Bertha e ainda contar comigo para sustentar vocês!?

LAURA – Poder. É isso. Por que travamos essa batalha de vida ou morte, senão por poder?

ADOLF – Para mim, significa mais. Eu não acredito em vida depois da morte e Bertha seria como uma continuidade. Era a minha ideia de futuro, minha concepção de imortalidade. Se você me tirar isso, minha vida acaba.

LAURA – Por que não nos divorciamos quando ainda era tempo?

ADOLF – Porque nossa filha era um elo que nos manteve unidos. Eu nunca pensei sobre isso, mas agora me vêm lembranças cheias de acusações, talvez condenações. Estávamos casados há dois anos e ainda não tínhamos filhos – e você sabe por quê. Fiquei doente e quase morri. Então, um dia, a febre deu trégua, escutei vozes: você e o advogado, falando sobre a fortuna que eu ainda possuía. Ele disse que você não herdaria coisa alguma, porque não tínhamos filhos. E perguntou se você estava grávida. Não ouvi a sua resposta. Mas daí, melhorei e Bertha nasceu, no nosso terceiro ano de casamento. *(Pausa)* Quem é o pai?

LAURA – Você!

ADOLF – Não, não sou! Tem um crime enterrado aqui, e ele está começando a cheirar mal. Eu trabalhei como um escravo por você, sua filha, sua mãe, suas criadas. Sacrifiquei promoções, carreira. Fui torturado, flagelado, tive insônia, me preocupei a tal ponto com o seu bem-estar que minha barba embranqueceu... tudo para que você pudesse viver tranquila. Carreguei esse fardo porque acreditava ser o pai da sua filha. Este é o roubo mais vil, a pior condenação: dezessete anos de trabalhos forçados, sendo inocente!

LAURA – Você está completamente louco!

ADOLF – *(Senta-se)* É isso que você gostaria! Mas sei o trabalho que te deu esconder seu crime. Sempre tive compaixão por você, porque não entendia o motivo da sua tristeza. Muitas vezes aliviei sua consciência pesada, acreditando que afastava pensamentos doentios. Ouvi você chorar enquanto dormia e eu não queria escutar. Anteontem mesmo – era o aniversário de Bertha – e por volta de duas ou três da manhã eu estava acordado, estudando. Você gritou: “Não, não chegue mais perto!”, como se alguém estivesse estrangulando você. Suspeitei por muito tempo, mas sempre me faltou a coragem de exigir a confirmação. Tudo isso eu sofri por você. E agora? O que você vai fazer por mim?

LAURA – Vou jurar por Deus e por tudo o que há de mais sagrado que você é o pai da nossa filha.

ADOLF – De que me serve esse juramento? Quando você mesma diz que uma mãe deve cometer qualquer crime para o bem de um filho? Eu imploro: conte tudo! Não vê que estou indefeso como uma criança? Jogo no chão as minhas insígnias, símbolos do meu poder, e imploro que tenha misericórdia pela minha vida.

LAURA – *(Aproxima-se do Capitão e põe a mão na testa dele.)* Você está chorando!

ADOLF – Um homem não tem olhos? Um homem não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, paixões? Se nos furam, não sangramos? Se nos envenenam, não morremos? Então por que um homem não pode se queixar, ou um soldado chorar? Porque não é masculino? Mas por que não é?

LAURA – (*Acolhendo Adolf*) Lembra que foi como segunda mãe que eu entrei na sua vida? Seu corpo forte não tinha nervos, você era um menino grande.

ADOLF – É, só me tornei um homem completo quando nós dois nos unimos e tornamos um. Cresci ao seu lado. Eu, que na cavalaria era quem mandava, passei a obedecer você como um filho que não entendia nada.

LAURA – Pois é, eu te amava como um filho, mas sempre que você se colocava diante de mim como um amante, eu sentia vergonha. O prazer do seu abraço era seguido de um remorso. A mãe virava amante!

ADOLF – Eu percebia, mas tinha a impressão de que você desprezava a minha infantilidade. Então, eu tentava conquistá-la como homem.

LAURA – Aí estava o erro. Me sentia sempre dividida. A mãe e a amante. De um lado a amiga. Do outro, a inimiga. O amor entre os sexos é uma guerra. Eu não me entregava, e sim tirava de você tudo o que eu quisesse.

ADOLF – Eu vivia em transe, não via e nem ouvia nada, só obedecia. Me impressionava com suas tolices e caprichos, como se fossem ideias geniais, mas quando eu me dei conta disso, senti minha honra ferida e tentei me redimir com um grande feito, uma façanha, uma descoberta ou então um suicídio honroso. Queria ter ido à guerra, mas não pude. Então, me atirei à ciência. E agora, quando estava prestes a colher os frutos, você me arranca o braço. Estou desonrado. E desse jeito não quero viver. Um homem não pode viver sem honra.

LAURA – E uma mulher pode?

ADOLF – Pode. Ela tem seus filhos, o homem não. Nós vivemos inconscientes como crianças, cheios de imaginação, ideais e ilusões, até que despertamos com os pés no travesseiro. E, quando pensamos que o sol está para nascer, nos encontramos sob o brilho do luar, sentados sobre ruínas, como nos bons velhos tempos. Tudo não passou de uma soneca matinal povoada por sonhos selvagens.

LAURA – Você deveria ter sido poeta! (*Pausa*) Agora eu estou com sono. Se você ainda tiver mais visões fantásticas, guarde para amanhã.

ADOLF – Laura, você me odeia?

LAURA – Às vezes! Quando você age como um homem.

ADOLF – É como o ódio entre as raças. Se é verdade que viemos do macaco, no mínimo deve ter havido duas espécies. Com certeza, não somos todos uns como os outros.

LAURA – O que você quer dizer?

ADOLF – Que um de nós vai perder esta luta.

LAURA – Quem?

ADOLF – O mais fraco, é claro!

LAURA – Então o mais forte vai ter razão?

ADOLF – Sempre tem. É quem detém o poder!

LAURA – Nesse caso sou eu quem tem razão.

ADOLF – Então, você já tem o poder?

LAURA – Tenho. E vai ser um poder com força de lei quando amanhã eu conseguir interditar você.

ADOLF – Interditar?

LAURA – É! Assim eu vou poder educar a minha filha sem ter que dar ouvidos às suas fantasias.

ADOLF – Mas quem vai bancar essa educação quando eu não estiver mais aqui?

LAURA – A sua pensão!

ADOLF – *(Ameaçadoramente)* Como é que você pretende me interditar?

LAURA – *(Pega uma carta)* Com esta declaração, assinada por testemunhas e encaminhada ao Conselho e a um juiz, solicitando um curador legal para você.

ADOLF – Que papel é esse?

LAURA – *(Indo para trás em direção à porta esquerda)* A sua declaração de insanidade ao médico! *(O capitão observa-a em silêncio.)* Agora que você cumpriu sua função de pai e chefe de família, infelizmente necessária, não preciso mais de você. Você precisa ir embora. Aliás, já deveria ter ido, quando se deu conta de que a minha inteligência é tão forte quanto a minha vontade, já que você não quer admitir isso!

O capitão vai até a mesa, pega a lamparina acesa e joga-a contra Laura, que já está saindo de cena.

ATO III

*Mesmo cenário do ato anterior, mas com outra lamparina sobre a mesa.
A porta à direita está travada com uma cadeira.*

CENA 1

Laura e Margret

LAURA – Ele lhe deu as chaves?

MARGRET – Dar?! Não, não deu. Eu tirei das roupas do patrão que Klaus levou para escovar. E Deus me perdoe!

LAURA – Me dá essas chaves!

MARGRET – Aqui estão. Mas isso, para mim, parece roubo. A senhora ouve ele andando lá em cima? Daqui para lá, de lá para cá...

LAURA – A porta está trancada?

MARGRET – Claro. Fechada, bem trancada!

LAURA – *(Abre a escrivaninha e senta-se junto a ela).* Controle-se, Margret. Precisamos de calma para tentar nos salvar. *(Alguém bate à porta.)* Quem é?

MARGRET – *(Abre a porta do corredor)* É o Klaus.

LAURA – Deixe entrar!

KLAUS – *(Entra)* Mensagem do Coronel!

LAURA – *(Pega a carta e lê)* Muito bem! Klaus, você pegou toda a munição que estava nas armas e nas bolsas?

KLAUS – Sim senhora!

LAURA – Certo. (Para Margret) Trave a porta do fundo! (Para Klaus) Espere até que eu responda a carta do coronel. (*Klaus sai. Laura começa a escrever.*)

MARGRET – Ouça! O que ele não deve estar aprontando agora lá em cima?

LAURA – Fique quieta enquanto escrevo! (*Ouve-se um barulho de serrote.*)
(Para Klaus) Tome, Klaus! Agora vá!

MARGRET – (*A meia voz, para si mesma*) Que Deus tenha misericórdia de nós! Onde é que tudo isso vai acabar?

CENA DOIS

Laura e Pastor

PASTOR – Boa noite, Laura. Fiquei fora o dia todo. Parece que as coisas não estão nada fáceis por aqui.

LAURA – Foram as piores 24 horas de minha vida.

PASTOR – Mesmo assim, parece que nada mais grave aconteceu.

LAURA – Não, graças à Deus, mas pense no que poderia ter acontecido!

PASTOR – Como tudo começou? Já ouvi tantas versões para a mesma história.

LAURA – Começou com as fantasias de que ele não é o pai de Bertha e terminou com ele atirando uma lamparina em chamas no meu rosto.

PASTOR – É mesmo um gesto de loucura. O que vamos fazer?

LAURA – Temos que evitar mais violência. O doutor mandou buscar uma camisa de força do hospital. Enquanto isso, mandei uma mensagem ao Coronel e agora estou tentando me ocupar dos negócios da casa, porque ele cuidava muito mal de tudo.

PASTOR – Eu já esperava que algo assim acontecesse. (*tom de censura*)
Afinal, dois bicudos não se beijam! O que é que você tem aí na caixa?

LAURA – (*Tira uma caixa de dentro de um baú ou arca*) Veja o que ele escondeu!

PASTOR – (*Examina a caixa*) Por Deus! As suas cartas... (*Ele se emociona*)
Ele parece ter amado você, Laura.

LAURA – Eu acredito que ele tenha me amado, mas o tempo... o tempo muda tantas coisas!

PASTOR – Que documento é este? A escritura de um túmulo?! Antes a sepultura que o hospício! Laura, você tem alguma culpa em tudo isso?

LAURA – Eu? Que culpa eu teria pela loucura de alguém?

PASTOR – Está bem... está bem! Eu não vou dizer mais nada! Antes de tudo, a família!

LAURA – Como você se atreve a insinuar que...?

PASTOR – (*Encarando a irmã*) Escute aqui!

LAURA – O quê?

PASTOR – Dificilmente você vai poder negar que tudo isso se encaixa direitinho com a sua intenção de educar sua filha de acordo com sua vontade.

LAURA – Não estou entendendo!

PASTOR – Ah, como eu te admiro!

LAURA - A mim? Sei!

PASTOR – E pensar que eu posso acabar sendo responsável pelo espólio de um livre-pensador interdito! Laura, eu sempre vi o capitão como uma pedra no nosso sapato!

LAURA – (*Dá uma risadinha abafada; então fica séria*) E você tem coragem de dizer isso a mim, que sou esposa dele?

PASTOR – Para quem passou pelo que passou, até que você está me parecendo incrivelmente forte, Laura! Você é a raposa presa na armadilha, que prefere roer a própria pata a ser capturada! Como uma ladra perfeita, sem cúmplices, nem mesmo a própria consciência! (*Pausa*) Olhe-se no espelho!

LAURA – Eu nunca me olho no espelho!

PASTOR – Não, não se atreve. Não suportaria! Deixe ver sua mão? Não há um traço sequer de sangue, nenhum resquício do veneno que corre em suas veias! (*supondo a premeditação de Laura*) Um assassinato inocente, longe dos olhos da lei; ou um crime involuntário! (*Concluindo*) Que ideia magnífica! (*Prestando atenção aos sons que vem de fora*) Está ouvindo? Como ele trabalha lá em cima! Cuidado! Se esse homem escapar, vai serrar você em pedacinhos!

LAURA – Você fala demais! Parece até que tem a consciência pesada. Me acuse. Me denuncie se puder!

PASTOR – Não posso!

LAURA – Está vendo: você não pode! Não tem como. Se você não pode, então eu sou inocente! Agora veja se cuida da sua própria vida, que eu vou cuidar da minha visita: o Doutor voltou!

CENA TRÊS

Os mesmos e o DOUTOR

LAURA – Boa noite, Doutor. O senhor vai me ajudar, não é? Ouça como ele fica de um lado pro outro lá em cima? Parece uma fera enjaulada. Acredita em mim, agora?

DOUTOR – Estou convencido de que houve um ato de violência. E a questão é: esse ato deve ser entendido como um acesso de fúria ou de loucura?

PASTOR – Mesmo sem considerar a natureza do ataque, o senhor precisa admitir que ele padece de ideias fixas.

DOUTOR – Me parece que as suas ideias, pastor, são ainda mais fixas!

PASTOR – Minha opinião formada sobre os assuntos da fé ou da ciência...

DOUTOR – Deixe suas opiniões fora disso! Só depende da senhora: colocamos o seu marido na cadeia e determinamos o pagamento de uma indenização ou o internamos de uma vez no hospício?

LAURA – Eu não posso responder agora!

DOUTOR – Quer dizer que a senhora não tem opinião sobre o que é melhor para a sua família? Agora, sim, pastor: o que o senhor tem a dizer?

PASTOR – Bom, se a minha opinião agora vale... penso que será um escândalo de qualquer forma... não me parece uma decisão fácil.

LAURA – Mas se ele só tiver que me indenizar pela agressão, ela pode se repetir.

DOUTOR – E se for para a cadeia, logo estará solto. Assim, parece que o mais vantajoso para todas as partes é tratá-lo desde já como doente mental. Onde está a criada?

LAURA – O que precisa dela?

DOUTOR – Ela deve ajudar com a camisa de força no doente, depois de eu falar com ele e quando eu der a ordem. Mas não antes! *(Entra no corredor e volta com um grande embrulho.)* Chame a criada, por favor! *(Laura toca a sineta.)*

LAURA – Margret, Margret!

À visão da camisa de força, o pastor se mostra horrorizado. Margret entra.

DOUTOR – *(Pega a camisa de força e explica com naturalidade.)* Preste atenção! Queremos que a senhora coloque isto no capitão. A senhora compreende o quanto é importante para evitar novos ataques de violência? A senhora vai se aproximar sorratamente por detrás do capitão e vestir nele a camisa. Veja: as mangas são muito longas, presas nas costas para impedirem os movimentos. As mangas devem ser amarradas com força. Acha que pode fazer isso?

MARGRET – Não, Senhor Doutor, eu não posso; não posso.

LAURA – Por que o senhor mesmo não faz isso, Doutor?

DOUTOR – Porque o paciente não tem confiança em mim. A pessoa mais indicada deveria ser a senhora, mas temo que ele também não lhe tenha muita confiança... *(A expressão de Laura se altera.)* Talvez o senhor, pastor...

PASTOR – Não. Não... eu me recuso!

CENA QUATRO

Klaus entra.

LAURA – Entregou a minha carta?

KLAUS – Como a senhora mandou.

DOUTOR – Klaus! Acho que já está a par da situação por aqui e sabe que o capitão sofre de perturbações mentais. Precisamos da sua ajuda para cuidar dele.

KLAUS – Se eu puder fazer qualquer coisa pelo capitão, ele sabe que pode contar comigo...

DOUTOR – Você vai colocar esta camisa nele...

MARGRET – Não, nada disso! Ele não vai tocar no capitão. Não quero que Klaus faça nenhum mal a ele. Prefiro eu mesma fazer isso, devagarzinho, com calma! Mas Klaus pode ficar no caso de eu precisar...

Fortes batidas na porta interna.

DOUTOR – É ele! Esconda a camisa, saiam todos por enquanto. Eu e o pastor vamos recebê-lo. Essa porta não vai aguentar por muito tempo. Agora saiam! Vamos, todos!

MARGRET – Que os céus nos amparem! *(Sai.)*

Laura fecha a escrivaninha e o baú ou caixa onde estavam os objetos. O álbum de fotografias fica sobre a mesa. Laura e Klaus saem.

CENA CINCO

Adolf, o Pastor e o Doutor

A porta abre-se bruscamente; a cadeira cai no chão e a fechadura cede. O Capitão traz muitos livros debaixo do braço. Coloca os livros sobre a mesa ou a escrivaninha.

ADOLF – Está tudo aqui! Para quem quiser ler. Escrito aqui nestes livros. Portanto, eu não estou louco! Vejam a Odisseia, primeiro canto, verso 215. É Telêmaco quem diz. *“Minha mãe afirma que Ulisses é meu pai, mas eu não tenho certeza, porque por si mesmo ninguém descobre sua paternidade.”* E vejam, Telêmaco levanta essas suspeitas a respeito de Penélope, a mais virtuosa das mulheres! Que me dizem? Uma beleza, hein? Esperem, eu não acabei! Aqui temos o profeta Ezequiel: *“O tolo diz: aqui está o meu pai, mas quem pode saber que semente o gerou?”*. Claro, não é? Acho que está bem claro! *(Fazendo uma bagunça com os livros)* O que mais temos aqui? A história da literatura russa. *(Explicando o que lê)* Alexander Pusckin, o maior poeta da Rússia, morreu torturado pelos rumores sobre a infidelidade de sua mulher, e não pela bala que atingiu seu peito num duelo. Já no leito de morte, ele jurou que ela era inocente. *(Voltando do livro)* Burro, burro! Como poderia jurar pela inocência de uma mulher? Agora vocês sabem o que eu tanto lia! *(Olhando para o pastor e o Doutor)* Jonas, você por aqui! E, naturalmente, o doutor! Sabem o que eu respondi para uma senhora inglesa que uma vez se queixou de que os irlandeses costumavam jogar lamparinas acesas no rosto das suas mulheres? *(Espera uma resposta que não vem)* Eu gritei: *“Meu Deus, que mulheres!”* E ela resmungou: *“Esposas, ora...”* respondi: *“Claro!”*. Quando as coisas chegam ao ponto de um homem, um homem que amou e idolatrou uma mulher, querer arrebentar a cara dela com uma lamparina acesa – é só aí que sabemos!

PASTOR – Sabemos o quê?

ADOLF – Nada! Nunca sabemos coisa alguma. Nós só acreditamos, não é mesmo, Jonas? Cremos, e assim nos sentimos salvos e bem-aventurados! Mas eu bem sei que podemos nos arruinar com essa crença toda! Eu sei!

DOUTOR – Capitão!

ADOLF – Quietos! Não quero falar com o senhor; não quero escutar o senhor repetindo o que dizem aqui dentro! Aqui! O senhor sabe! *(Para o pastor)* Jonas,

você acredita que é o pai dos seus filhos? Lembro que vocês tinham em casa um professor particular, bonito, de quem as pessoas viviam fofocando.

PASTOR – Adolf! Cuidado!

ADOLF – Passe a mão por baixo do topete e veja se não sente duas saliências. Não acredito! Ele ficou pálido! É verdade, é verdade, fofocas não levam a nada... mas, aquele sujeito deu muito o que falar. Nós, homens casados, não passamos de uma corja de imbecis ridículos. Não é verdade, doutor? Como foi o seu leito nupcial? O senhor não tinha um tenente em casa? Espere... Ele chamava... Ah! E não é que o doutor também ficou pálido?! Mas não se incomode. Ela já está morta e enterrada, e o que está feito não pode ser desfeito! Mas eu conheço aquele tenente... Olhe para mim, Doutor! Não, direto nos meus olhos. Pois então, hoje ele é major da cavalaria! E não duvido que ele tenha lá os seus chifres também.

DOUTOR – *(Atormentado.)* Capitão, melhor mudarmos de assunto...

ADOLF – Veja só! Foi só eu começar a falar de chifres e o senhor já quer mudar de assunto!

PASTOR – Você sabe que não está bem?

ADOLF – Eu sei! Eu sei! Estou louco. Mas se eu pudesse manipular suas ilustres cabeças, vocês também estariam! *(Pega o álbum de fotografias que está em cima da mesa.)* Meu Deus, aqui está a minha filha! Minha? Nunca vou saber. O que fazer para ter certeza? Já sei, primeiro, nos casamos para obter o respeito da sociedade; então nos divorciamos e, imediatamente depois, os ex-cônjuges se tornam amantes. Daí, adotam as crianças da mulher. Assim podemos pelo menos ter certeza de que são filhos adotivos. É ou não é? Mas como tudo isso poderia me ajudar, agora que já tiraram de mim o meu sonho de imortalidade? De que me servem os conhecimentos da ciência e da filosofia, quando não tenho uma única razão de viver? O que fazer da minha vida, se perdi a honra e a dignidade? Enxertei meu braço direito, metade do meu cérebro e da minha medula num outro tronco, porque acreditei que eles iriam crescer entrelaçados, dariam origem a uma nova árvore, mais perfeita. Então chega alguém, decepa bem abaixo do enxerto; e eu passo a ser uma árvore pela metade. Mas a outra metade segue crescendo com o meu braço, minha medula e a metade do meu cérebro enquanto eu murcho e seco, pois dei tudo que tinha de melhor. Agora eu quero morrer. Façam comigo o que bem entenderem. Nem existo mais! *(Derruba a cabeça sobre os braços cruzados na mesa)*

(O Doutor sussurra algo ao pastor; os dois adentram os cômodos pela esquerda; a seguir Bertha chega.)

CENA SEIS*Adolf e Bertha*

Adolf está prostrado.

BERTHA – *(Aproxima-se dele.)* O senhor está doente, papai?

ADOLF – *(Ergue o olhar com grande dificuldade)* Eu?

BERTHA – Sabe o que fez? Sabe que atirou uma lamparina acesa no rosto de mamãe?

ADOLF – Atirei?

BERTHA – *(Acena que sim)* Já pensou se ela tivesse se machucado?

ADOLF – E daí?

BERTHA – Não fale uma coisa dessa! Esse que está falando não é meu pai.

ADOLF – O que? Está dizendo que eu não sou o seu pai? Como você sabe? Quem disse isso? Então quem é o seu pai? Quem?

BERTHA – Sei que não pode ser este que está falando!

ADOLF – Quem, então? Quem? Você parece muito bem informada. Quem foi que lhe contou? E pensar que viveria para ouvir minha própria filha dizer na minha cara que eu não sou o seu pai! Você não sabe que desonra sua mãe quando diz isso?

BERTHA – Não diga nada de ruim sobre a mamãe, ouviu?!

ADOLF – Vocês estão todas juntas contra mim! Desde o início!

BERTHA – Papai!

ADOLF – Não use mais essa palavra!

BERTHA – Papai! Pai!

ADOLF – *(Puxa-a para junto de si)* Bertha, você é minha! Minha querida, minha filha amada! Eu sou o seu pai! O que eu disse foram pensamentos doentios, trazidos pelo vento como a peste e a febre. Olha para mim para que eu possa ver a minha alma nos seus olhos! Só que eu vejo a alma dela também! Você tem duas almas. Me ama com uma enquanto me odeia com a outra. Mas tem que amar somente a mim. Tem que ter apenas uma alma, ou então nunca vai ter paz, nem eu. Tem que ter apenas uma mente, filha do meu pensamento, e uma só vontade: a minha.

BERTHA – Mas eu não quero isso! Quero ser eu mesma.

ADOLF – Você não pode! Eu sou um canibal e quero devorar você. Sua mãe sempre quis me devorar e nunca conseguiu. Eu sou Saturno, que devora os próprios filhos ao descobrir a profecia; senão os filhos me comeriam. Comer ou ser comida! Eis a questão! Se eu não te devorar, você me devora – e já mostrou seus dentes! Mas não se assuste, eu não vou te fazer mal! *(Vai até as armas na parede e pega um revólver.)*

BERTHA – *(Tenta escapar.)* Socorro, mãe! Ele quer me matar!

MARGRET – *(Entra.)* Adolf, o que é isso?

ADOLF – *(Examina o revólver.)* Você tirou a munição?

MARGRET – Tirei para limpar; mas fique calmo que já vou buscar!

(Pega o capitão pelo braço e leva-o até a cadeira, sobre a qual ele se deixa cair. Em seguida ela pega a camisa de força e posiciona-se atrás da cadeira. Bertha sai em silêncio pela esquerda.)

MARGRET – Lembra de quando era pequeno. Você era o meu garotinho. Eu punha você na cama, e então rezava?

Nesta cama estou deitado,
Muito bem acompanhado
Com meu Deus à cabeceira
E os anjos ao meu lado!

Lembra, eu me levantava para trazer uma bebida quente pra você? Acendia uma vela e te contava histórias quando você tinha pesadelos e não conseguia mais dormir? Lembra de tudo isso?

ADOLF – Fale mais, Margret! É tão bom ouvir você! Continue!

MARGRET – Lembra quando você pegou uma faca grande na cozinha para entalhar barquinhos e eu tive que te enganar para pegar a faca de volta? Você era um menino duro de convencer, e por isso era preciso te enganar, porque nunca acreditava que só queríamos o seu bem. “Me dê já essa cobra!”, eu falei, “senão ela vai te morder!” E então você deixou cair a faca! *(Tira o revólver das mãos de Adolf.)* E quando tínhamos que te vestir e você não queria? Eu acabava dizendo que lhe ia te colocar um casaco dourado e vestiria você como um príncipe. Então eu pegava a sua blusinha verde de lã, segurava na sua frente e dizia: “enfie os dois braços!” E continuava: “agora fique calminho enquanto eu abotoo aqui atrás!” *(Ela o veste com a camisa de força.)* E depois dizia: “agora ande um pouquinho para eu ver como fica.” *(Ela o conduz até o sofá.)* Muito bem: hora de ir para a cama.

ADOLF – Como assim? Eu ia para a cama vestido? Maldição! O que foi que você fez ? *(Tenta se livrar.)* Ah, maldita mulher! Quem diria que você fosse tão ardilosa? *(Abandona-se no sofá.)* Preso, espoliado, humilhado e sem poder morrer!

MARGRET – Me perdoe, me perdoe. Mas eu precisava te impedir de matar a criança!

ADOLF – Por que não deixou? Se a vida é um inferno e a morte é o reino dos céus, o lugar das crianças é no céu!

MARGRET – Como você sabe o que vem depois da morte?

ADOLF – É a única coisa que sabemos, já da vida não sabemos nada! Se ao menos soubéssemos de tudo desde o início!

MARGRET – Senhor! Coloque esse coração sofrido nas mãos de Deus e implore por misericórdia, pois não é tarde demais. Não foi tarde nem para aquele ladrão na cruz quando Jesus disse: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”!

ADOLF – Ah, a velha parece um corvo ao ver carniça!

(Margret tira um livro de orações do bolso.)

ADOLF – *(Grita.)* Klaus! Você está aí? Klaus?

(Klaus entra.)

ADOLF – Tire ela daqui! Ela quer me sufocar com um livro de orações. Jogue essa mulher pela janela.

KLAUS – *(Olha para a Ama.)* Que Deus te proteja, capitão, mas eu não posso! Se fossem seis homens... mas uma mulher?!

ADOLF – Ah, você não pode com mulheres?

KLAUS – Claro que posso! Mas tem uma coisa que me impede de pôr as mãos nelas.

ADOLF – O quê? Elas não puseram as mãos em mim?

KLAUS – Puseram, mas não posso, Capitão! É como o senhor pedir para eu bater no Pastor. Não dá! Não posso!

CENA SETE

Os mesmos

Laura faz um sinal para Klaus indicando-lhe que saia.

ADOLF – Ônfale! Rainha dominadora! Agora você é quem brinca com as armas enquanto Hércules tece a lã!

LAURA – (*Vai até o sofá.*) Adolf! Olhe para mim. Você acha mesmo que eu seja sua inimiga?

ADOLF – Acho. Todas minhas inimigas! Minha mãe foi minha inimiga, não quis que eu viesse ao mundo com medo das dores do parto. Minha irmã foi minha inimiga, me fez submisso a ela. A primeira mulher que abracei também, por retribuir meu amor com dez anos de doença venérea. Minha filha se tornou minha inimiga quando teve que escolher entre mim e você. E você, minha esposa, você tem sido minha inimiga mortal, por me atormentar até me ver assim!

LAURA – Não sei do que você está falando. Nunca planejei ou sequer pensei em fazer o que você diz. Pode ser que no fundo eu sentisse um desejo de me livrar de você, como um obstáculo. E se você vê premeditação no meu comportamento, até pode ser, apesar de eu não ter consciência disso. Nunca pensei em como tudo aconteceu, as coisas apenas seguiram seu rumo, pelos caminhos que você mesmo traçou. Eu me sinto inocente perante Deus e a minha consciência, ainda que não o seja. Sua presença era como uma pedra no meu coração, tão pesada que tentei me livrar do fardo opressivo. Essa é a verdade, e se eu inconscientemente o matei, peço perdão.

ADOLF – Até que você soa convincente! Mas de que me adianta? E de quem é a culpa? Antigamente se casava com uma esposa; hoje entramos em uma sociedade com uma mulher de negócios! Onde foi parar o amor sadio, o amor sensual? Ele morre! E qual é o resultado desse amor em títulos, pagáveis ao portador? Quem é o portador quando a sociedade vai à falência?

LAURA – Essas suspeitas sobre a nossa filha não têm o menor fundamento.

ADOLF – É o que torna tudo ainda mais terrível! Se ao menos elas tivessem fundamento eu teria ao que me apegar. Do jeito que estamos, tudo é sombra, vultos que se escondem entre os arbustos e mostram a cara rindo de mim; é dar socos no ar, ou entrar num duelo sem munição. Essa dureza deveria ter gerado resistência, levado vida e alma à ação; mas agora meus pensamentos se dissolvem, e o meu cérebro tritura o vazio até pegar fogo. (*Deitando-se*) Estou com frio! Jogue algo sobre mim. Estou com muito frio.

(*Laura tira seu casaco e estende-o em cima dele.*)

LAURA – Dê-me a sua mão, amigo!

ADOLF – Minha mão! A mão que você amarrou! Ônfale! (*Pausa*) Eu sinto a sua roupa contra meus lábios... é morna e suave como seu braço, e tem perfume de baunilha, como os seus cabelos, quando você era jovem! Laura,

quando você era jovem, nós caminhávamos no bosque – era maravilhoso! Pense em como a vida foi bela e no que ela é agora. Você não queria que acabasse assim, nem eu; mas foi assim que terminou. Quem dita as regras da vida, afinal?

LAURA – São as regras de Deus!

ADOLF – Só se for o deus da guerra! Ou, quem sabe, a deusa! Tirem esse gato de cima de mim! Tirem daqui! Quero meu casaco! (*Margret pega o casaco de Laura e cobre o capitão com a túnica militar.*) Ah, a pele do leão, que você queria roubar de mim. Rainha dominadora! Você, mulher ardilosa, heroína da paz, inventou o desarmamento. Antes era o ferreiro quem fazia as vestes da guerra, mas hoje é uma bordadeira! Ônfale! A força bruta foi derrotada pela fraqueza insidiosa – amaldiçoada seja, mulher do inferno, você e todo o teu sexo! Margret, venha aqui perto de mim. Isso! Posso deitar a cabeça no seu colo? Assim... é tão morno! Deite sobre mim para que eu possa sentir o seu seio! Ah, é tão doce adormecer no seio de uma mulher, da mãe, da amante. Mas o seio materno é o mais doce!

LAURA – Você quer ver a sua filha, Adolf?

ADOLF – Minha filha? Homens não têm filhos, só as mulheres! É por isso que o futuro pertence a elas, enquanto nós morremos sem deixar filhos! Ah, Deus que ama as crianças!

MARGRET – Olhe, ele está rezando para Deus!

ADOLF – Não, eu rezo para você me colocar para dormir... tão cansado! Boa noite, Margret... bendita sejam tu entre as mulheres! (*O capitão tenta se levantar, mas cai num grito no colo de Margret.*)

CENA OITO

Laura, Doutor, Pastor, Margret e Bertha. Com a presença de Adolf.

Laura vai até a porta do interior da casa e chama o Doutor, que entra acompanhado do pastor.

LAURA – Doutor! Doutor! Por favor nos ajude, se não for tarde demais!

DOUTOR – (*Examina o pulso do doente.*) Parece que foi um derrame!

PASTOR – Ele morreu?

DOUTOR – Não, ainda pode voltar a si, mas não sabemos o que esperar! Nada sei e nada mais tenho a dizer. Se alguém tiver, que fale!

BERTHA – *(Chega pela esquerda e apressa-se em direção à mãe.)* Mamãe!
Mamãe!

MARGRET – Por que duas pessoas precisam arruinar desse jeito a vida uma da outra?

PASTOR – Antes de tudo a família.

BERTHA – Aqui é sempre tão tenso, tão horrível. Parece uma noite de inverno.

LAURA – Por que travamos essa batalha de vida ou morte, senão por poder?
(Para Bertha) Minha filha! Minha filha... só minha!

PASTOR – Amém!

FIM

23 de março de 2022

A estreia desta tradução se deu em 01 de abril de 2022.

Esta tradução ganhou uma versão em LiBras em 22 de abril de 2022.